



# Disco Riscado

As notas, comentários e anotações da semana



Compilação: Alexandre Giesbrecht

## Jagr é nota 600!

**S**e Jaromir Jagr pudesse ter escolhido o script para o seu 600.º gol, é bem possível que ele tivesse escolhido o jogo de sábado contra os Penguins, seu ex-clubes, em Pittsburgh, na frente da torcida que o idolatrou por dez anos. Como ele tem sido alvo de vaias sempre que vai jogar por aquelas bandas, poderia ser uma doce e silenciosa vingança. Mas quis o destino que ele não marcasse contra o mesmo time com cuja camisa ele fez os primeiros 439 gols de sua carreira.

Acho que Jagr não tem do que reclamar: não só o gol veio em casa, como também veio em uma vitória, por 4-1, sobre o Lightning – no sábado, os Penguins venceram a partida por 3-1. O camisa 68 não precisou de mais do que 1:43 de jogo para fazer a torcida enlouquecer, ao redirecionar a bomba de

Karel Rachunek para dentro do gol. A torcida ficou ainda mais entusiasmada quando o placar eletrônico comemorou a marca atingida, mas Jagr pareceu não ter notado a homenagem e ficou calmamente sentado no banco, esperando por seu próximo turno. Involuntariamente, o goleiro Henrik Lundqvist quase roubou a festa, pois a torcida cantou seu nome depois de boas defesas, incluindo uma sequência de três chutes em seguida do Tampa Bay.

Jagr foi o 16.º jogador na história a chegar aos 600 gols e só precisa de mais um para alcançar Jari Kurri, o 15.º. Curiosamente, ele não foi o primeiro jogador dos Rangers nesta temporada a marcar o 600.º gol da carreira. Brendan Shanahan também alcançou o feito ao marcar duas vezes contra o Washington, em 5 de outubro.





**PREDATORS**

# Se não fosse o contrato...

**A**s estatísticas são dignas de Wayne Gretzky: 61 gols e 152 pontos em 62 jogos defendendo o Quebec Remparts, da QMJHL, na temporada passada. A essa produção seguiram-se mais 55 pontos em 23 jogos de playoffs, que culminaram na conquista da Copa Memorial. O ponta direita Alexander Radulov foi eleito o melhor jogador da pós-temporada e Jogador do Ano da Liga Canadense de Hóquei. Como se explica, então, o fato de ele não estar no elenco dos Predators que abriu a temporada?

Bem, é difícil para qualquer jogador, não importa quão promissor, pular a AHL. Mas Radulov, de 20 anos, disputou apenas três jogos (e marcou sete pontos) pelo Milwaukee Admirals, antes que espasmos nas costas de Steve Sullivan abrissem uma vaga no time de cima. E, já na sua segunda partida, ele marcou seu primeiro gol na NHL.

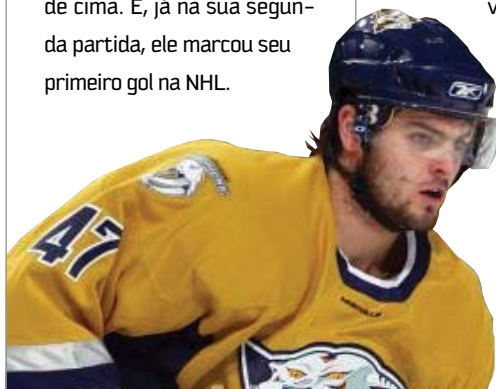


FOTO: John A. Russell/Getty Images

“Ele fica o tempo todo em cima do disco e quando o domina vai direto para o gol”, elogia o gerente geral David Poile. Como os outros príncipes da “Nova NHL” (Alex Ovechkin e Sidney Crosby), Radulov consegue passar e chutar sem ter de reduzir sua velocidade máxima. E, com 1,85 m e 85 kg, ele consegue se plantar na frente da área.

Seu grande problema vai ser ficar em Nashville. Ele já foi mandado de volta para Milwaukee – tem seis gols e 12 assistências em dez jogos –, graças a seu contrato, que estipula um salário mais baixo durante o tempo que passar na AHL. De seus colegas de time no Nashville, 14 têm contratos que pagam o mesmo salário independentemente da liga em que o jogador estiver atuando. Ele jogou bem na NHL: Scottie Upshall e o veterano Darcy Hordichuk foram sacados do time em algum ponto para que ele pudesse jogar. Quando as contusões pararam de asso-lar os Preds, Radulov voltou ao Wisconsin. Não há previsão de quando ele estará na NHL de novo, mas só seu contrato pode fazer com que na próxima temporada ele passe de novo algum tempo na AHL.

**IMPRENSA**

Os melhores momentos dos jornais que cobrem o hóquei nós dividimos com você neste espaço.



“A maioria dos atuais jogadores dos Penguins é jovem demais para conhecer a história, quanto mais apreciá-la. Para lembrar que o time passou 15 anos sem uma vitória na Filadélfia. Quando o mais impressionante da seqüência de 0-39-3 no antigo Spectrum é que eles tenham conseguido três empates. Quando o Philadelphia tratava os Penguins como uma piñata formada por 20 jogadores. ‘42 jogos?’, perguntou o defensor Ryan Whitney, depois da vitória dos Penguins por 5-3 sobre os Flyers no Wachovia Center, na segunda-feira 20. ‘Quanto tempo durou? Uns seis anos?’ É, seis anos. Seis mais uns nove.”

<http://www.postgazette.com/pg/06325/740056-61.stm>

**NHL**

## Só por lá

**A**NHL vai abrir sua primeira loja física, em Nova York. “Fazia muito tempo que queríamos abrir uma loja da NHL, e agora é a hora”, avisa Brian Jennings, vice-presidente executivo de Marketing de Produtos da liga. “A localização da loja, seu tamanho e sua variedade de produtos, assim como nossa parceria com a Reebok, vão servir para fortalecer a marca

NHL, promover nossos jogadores e oferecer aos torcedores uma experiência multi-sensorial única.” A loja, de mais de 600 metros quadrados, deve abrir ainda este ano, no centro de Manhattan. Enquanto isso, aqui no Brasil ainda não temos boas opções de compra de camisas de hóquei e afins, que se limitam a shoppings de camelôs e algumas poucas lojas de material esportivo. Compras pela Internet? O frete ainda é proibitivo, isso sem falar na possibilidade de a Receita Federal cobrar 60% de imposto...



## CANADIENS

# A receita de Souray



O aborígene Sheldon Souray finalmente parece ter colocado o taco na fôrma. Reconhecidamente dono de um dos chutes mais fortes da NHL, o defensor dos Canadiens vem combinando essa potência com precisão. Isso tem se refletido no desempenho do time em vantagem numérica. Já foram 20 gols dos Habitants em vantagem numérica na temporada, o que dá à equipe o quinto melhor aproveitamento nesse quesito. Dessas duas dezenas de gols, sete foram de Souray. A receita é simples: Saku Koivu e Alexei Kovalev são dois dos melhores controladores de disco de todo o hóquei. Vão

**Sheldon Souray, de costas, comemora com Radek Bonk (14) e Michael Komisarek**

sempre para trás do gol e ficam humilhando os adversários até que Souray esteja livre. Geralmente, o passe chega na medida, e o defensor solta a bomba. O sucesso porém, precisa ser repetido em situações de igualdade numérica, já que Souray marcou apenas uma vez no cinco contra cinco. Se mantiver a média, o atleta – que se concentra antes das partidas escutando Pearl Jam –, chegará aos 34 gols e 69 pontos ao final da temporada. **(Eduardo Costa)**

## PAPO COM QUEM LÊ

Vira-e-mexe, recebemos e-mails interessantes dos nossos leitores. Esforçamo-nos para responder todos, e alguns deles vêm parar neste espaço. Para mandar o seu e-mail, visite nossa [página de Contato](#).

Olá, Alexandre. Muito boa sua matéria sobre os Flyers. Sobre a venda de Forsberg, pode até ser, já até tinha lido sobre isso. Porém discordo que a temporada deles já era: ainda restam 3/4 da temporada, e eles estão somente a dez pontos dos playoffs. Acho muito cedo para qualquer prognóstico. Após a publicação da matéria, foram duas vitórias seguidas, jogando bem longe de casa. O time tem tradição e, mesmo em uma fase ruim, ainda terá força para chegar lá.

**Renato Camara, São Paulo, SP**

**Alexandre Giesbrecht:** O problema dos Flyers é que eles precisam que muita gente perca pontos. Ao mesmo tempo, precisam vencer vários jogos seguidos. O time nem é tão ruim assim, a ponto de ser o lanterna disparado da conferência, mas também não é bom o bastante para ganhar vários jogos seguidos. Lembre-se de que há seis times para ser superados só para chegar à oitava posição no Leste. Depois que a coluna fechou, eles até ganharam os jogos que você cita (nossa velha maldição), contra Ducks e Kings. Mas logo depois voltaram à velha forma e levaram 6-1 do Sharks em San Jose e 5-3 dos Penguins em casa. Chances matemáticas de se classificar aos playoffs todo time tem até lá por fevereiro ou março, mas isso não significa muita coisa, já que, até domingo passado, o Internacional também tinha chances de ser o campeão brasileiro. É possível que os Flyers cheguem aos playoffs? Lógico. Mas tudo leva a crer que não chegarão. E cada nova derrota que eles adicionam à já longa coleção (até segunda-feira, ninguém na liga tinha mais do que eles) significa que poderão contar com dois importantes pontos a menos no final da temporada. Ou seja, o time que mais tem desperdiçado pontos é justamente o que menos pode se dar ao luxo de fazê-lo.







FOTO DA SEMANA – 18/novembro/2006

Wade Belak, do Toronto, briga com Cam Janssen, do New Jersey.

FOTO: Aaron Harris, CP/AP

RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES

» Manter Darius Kasparaitis no elenco como oitavo defensor do time está custando aos Rangers cerca de US\$ 16.285 por dia em relação ao teto salarial, o que significa quase US\$ 500 mil por mês. Não há dúvidas de que o time de Nova York está tentando fazer com que outros times de alguma maneira se interessem pelo jogador de 34 anos.

» De acordo com um GG, os Blackhawks estão dispostos a ouvir ofertas pelo jovem defensor Brent Seabrook, de 21 anos.

» Nos Blue Jackets, a procura por um novo técnico agora está limitada a apenas dois nomes, Ken Hitchcock e Andy Murray. Murray, inclusive, seria entrevistado na terça-feira, de acordo com a TSN.

» Para Wayne Gretzky deixar o cargo de técnico dos Coyotes, ele teria basicamente de demitir a si mesmo – ele é um dos sócios majoritários –, e isso não parece provável. Um dos motivos é seu salário anual, de cerca de US\$ 3 milhões. O outro é a sua legendaria personalidade competitiva.

» Os Coyotes, aliás, têm sido envolvidos em um rumor que

circula bastante em jornais e na Internet: o de que o time de Phoenix mandaria o defensor Ed Jovanovski para os Sharks, em troca do goleiro Evgeni Nabokov, outro que tem visto seu nome circular em todo tipo de boato. Mas o GG Mike Barnett deu uma entrevista dizendo que não conversou nem uma vez com o San Jose a respeito.



# Alex tem um novo melhor amigo

**N**ão era algo que os Caps quisessem ver. Alexander Ovechkin tinha acabado de sofrer um “nocaute técnico” em setembro, quando o central Mike Richards, dos Flyers, arrancou o capacete do jovem russo, acertou alguns murros na sua cabeça e o derrubou no gelo. Foi apenas a segunda briga da vida de Ovechkin e sua primeira na NHL. “Eu não gosto de brigar”, confessou o segundo-anista depois do jogo. “Eu não sei brigar.” Para piorar ainda mais as coisas, Donald Brashear não tinha sido escalado para o jogo.

Os Caps não vão cometer o mesmo erro de novo.

É uma tradição no hóquei: empregar um jogador com punhos de aço para proteger outro com mãos talentosas. Wayne Gretzky patinava relativamente ileso sob a proteção do durão Dave Semenko por nove temporadas em Edmonton. Steve

Yzerman podia ficar tranqüilo para criar, sabendo que Bob Probert estava cuidando do número 19 às suas costas em Detroit. Mesmo Bobby Clarke, o legendário desdentado dos Flyers, precisava da ajuda do valentão Dave Schultz de vez em quando.

Na velha NHL, eles eram chamados de intimidadores. Na nova NHL, onde há menos espaço no gelo (e mais no banco de penalidades) para brutamontes, protetores são mencionados nas entrelinhas, em frases como “Ele joga com garra” ou em expressões como “tenacidade do time”. Mas, enquanto a cruzada contra as brigas empurrou muitos desses durões para as ligas menores, os serviços de alguns deles – ao menos aqueles que sabem jogar um pouco – ainda são necessários. “Não estamos tocando uma escola de freiras”, elaborou o gerente geral dos Caps,

George McPhee, quando assinou contrato em julho com Brashear, que é considerado (e até admite ser) um intimidador de primeira. Seu tempo médio no gelo nas últimas seis temporadas não passou de 12:23. E em sua carreira nômade de 12 anos na NHL (passou também por Montreal, Vancouver e Philadelphia), ele acumulou 2.173 minutos de penalidades, sendo 830 deles “cinco por briga”.

Só que ultimamente Brashear tem caçado cabeças com menos voracidade, tendo sido penalizado por brigas menos de 12 vezes em cinco dos últimos seis anos. É uma grande diferença para a temporada de 1997-98, quando ele serviu 26 delas. “Eu corria de um lado para o outro, como uma galinha decapitada, tentando acertar os outros, porque era isso que queriam que eu fizesse”, lembra o jogador de 34 anos, que vai ganhar US\$ 1

milhão nesta temporada. “Mas eu sabia que poderia ser um jogador melhor.”

E é o que ele se tornou. Brashear marcou 75 gols em 773 jogos, e mais do que alguns poucos foram bonitos, e ainda conquistou uma merecida reputação de ser um incansável marcador. Mas agora o que pedem é que ele use seus punhos para manter Ovechkin a salvo, para que atacantes mais talentosos, como Brian Sutherby e Chris Clark não precisem usar os seus. “Sei que consigo intimidar”, reconhece Brashear. “Eu vejo a expressão em seus rostos. Vai haver menos gente querendo brigar, porque eu estou por perto.”

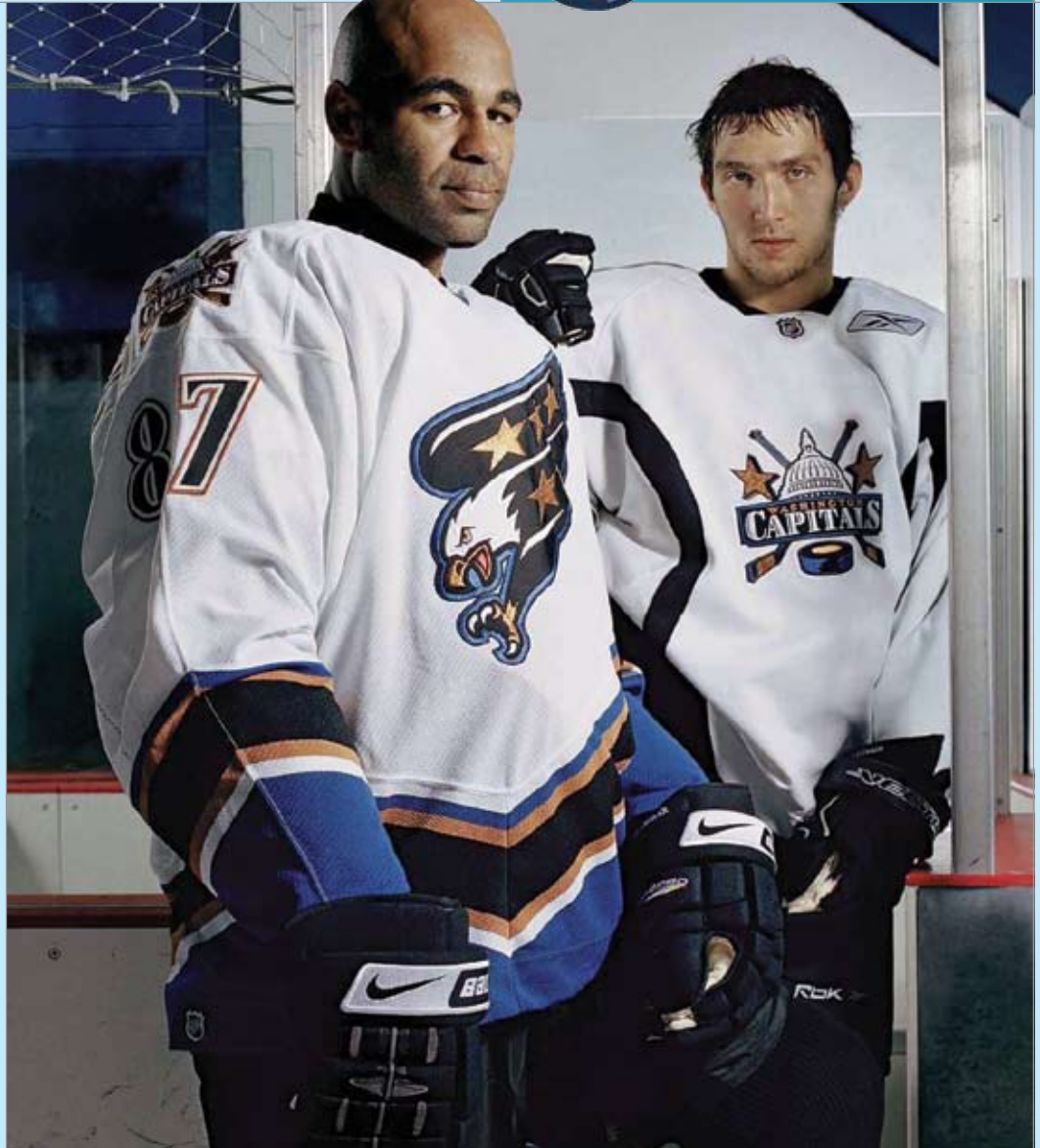
Não que Ovechkin seja uma flor delicada. Ele dá trancos duros com frequência e se dispõe a cruzar o rinque inteiro para fazê-lo. Só que seus trancos se dão sem malícia, sem o desejo de infligir dor. Ele só quer mar-



car gols. Mas para fazer isso ele precisa do disco, e para conseguir-lo ele encara qualquer jogador, grande ou pequeno. Não é surpresa alguma que quem recebe seus tranços não está preocupado com seus motivos. Ao invés disso, eles se concentram na sua produção (52 gols e 106 pontos na temporada passada) e na maneira incômoda com que ele a gera, e não hesitam em tentar interferir na sua atuação. Como diz McPhee, lembrando o óbvio: “Houve vezes em que alguns defensores partiram um pouco para cima dele.”

Tomemos como exemplo uma derrota fora de casa por 8-1 para os Penguins, em janeiro passado. No finzinho do segundo período, o defensor Ryan Whitney, do Pittsburgh, que não é conhecido por usar seu taco com maldade, acertou com ele a virilha de Ovechkin. O camisa 8 desabou no gelo, urrando de dor. O ponta Brian Willsie foi penalizado com 17 minutos por partir para cima de Whitney, mas não foi muito mais que um mero gesto: Willsie não é nenhum pugilista. Ovechkin, que teve 15 turnos nos dois primeiros períodos, teve apenas quatro no terceiro.

Foi aí que McPhee e o técnico Glen Hanlon começaram a procurar por um jogador cuja simples presença no banco pudesse intimidar, mas cujas outras habilidades fossem



boas o suficiente para fazer por merecer um lugar no elenco nesta nova NHL. Ambos se lembravam de Brashear de seus dias em Vancouver, e ele pareceu se encaixar nas duas categorias.

Especialmente na intimidação. Brashear é grande, densos 106 kg espalhados por 1,88 m. Seus desenvolvidos músculos do trapézio levan-

tam os ombros de sua camisa como hastes de uma barraca. Quando ele está uniformizado, mal dá para perceber que ele tira as placas dos ombros de sua proteção, para dar maior mobilidade; aquelas saliências são seus próprios deltóides. Sua imagem não é atenuada nem pelo sorriso envergonhado, pela voz sussurrada amenizada ainda mais pelo

sotaque francês (ele foi criado por várias famílias adotivas no Quebec) ou pelo fato de que seus dedos cheios de cicatrizes fazem mágica em um piano.

Mas tudo bem. McPhee não contratou Brashear pela sua habilidade com as notas musicais. “Eles não têm de me dizer qual é o meu papel”, esclarece Brashear. “Eu sei com que posso contribuir.”





## RED WINGS

# Os números explicam

**D**epois que os Red Wings começaram mal, com 3-4-1 em seus primeiros oito jogos, era de se imaginar que eles estavam finalmente deixando de ser os bichos-papões que têm sido na última década. Só que, desde então, eles se recompueram e igualaram o recorde da franquia, com nove vitórias seguidas, até perderem para os Flames na sexta-feira.

Os números da recente sequência de vitórias mostram alguns fatos interessantes sobre a versão 2006-07 dos Wings. Sua vantagem numérica estava até o fim de semana na lanterna da liga, com médios 9,8% de aproveitamento.

Isso é particularmente estranho quando se lembra que eles tiveram o melhor aproveitamento da liga na temporada passada, com 22,1%.

A desvantagem numérica também caiu. Na temporada passada, eles tiveram o terceiro melhor aproveitamento da liga (85,5%). Nesta, eles estão apenas em 21.º lugar com 81,2% de aproveitamento.

O técnico Mike Babcock explica que ambas as unidades estão melhorando drasticamente depois de inícios horríveis. Ele diz que os números de desvantagem numérica são um pouco enganosos, por causa de duas atuações ruins, quando sofreram oito gols nessa situação

em dois jogos seguidos, contra Ducks e Sharks.

Babcock tem dado ênfase ao treinamento da equipe de vantagem numérica nas últimas semanas e está feliz com a melhora detectada nas últimas partidas. O time ainda não se aproveitou muito das situações de vantagem numérica, mas o técnico acredita que eles estão passando melhor o disco e criando um número maior de chances de gol.

Com times especiais com números tão medíocres, como os Wings podem ganhar tantos jogos? Bem, os números também dão essa resposta.

O Detroit tem sido excelente no cinco contra cinco. Até o jogo de sexta-feira, o time marcava uma média de 2,67 gols em igualdade numérica para cada gol sofrido nas mesmas condições. É uma estatística meio complicada de

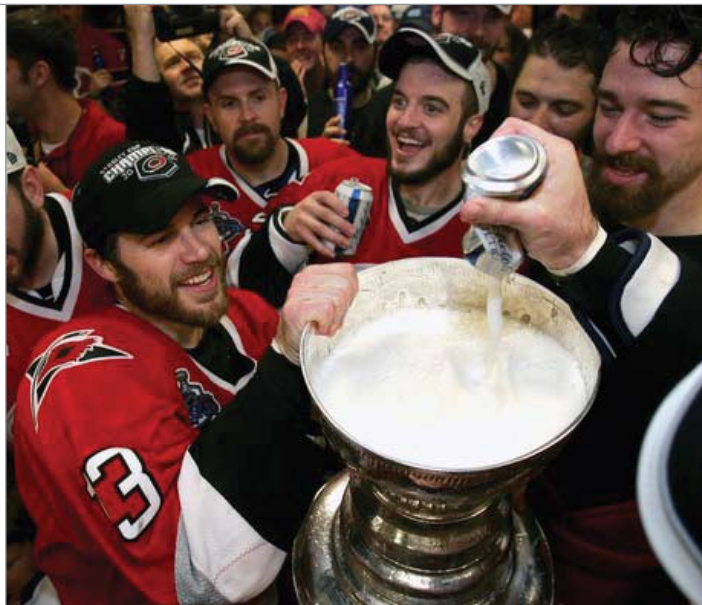
**Nos times especiais, os Wings de Lang, Filppula, Zetterberg e Markov ainda não se encontraram**

se explicar, mas, acredite, é um belo de um número.

A atuação dos Wings em igualdade numérica nos leva a outro belo de um número. Eles são o clube que permite menos chutes a gol (média de 20,7 por jogo). Na verdade, eles permitem, em média, seis chutes a menos por jogo do que qualquer outro time na liga. Acho que eu não preciso dizer que esse número também é bem impressionante.

Com base nos números, o resto da liga tem de torcer para que a vantagem numérica dos Wings não se encontre. Se isso acontecer, aí é que eles vão mesmo continuar a ser o bicho papão da última década.





Ray Whitney e o resto do Carolina Hurricanes bebem da Copa Stanley: Raleigh foi cidade do hóquei por um tempo

## PENGUINS

### Thibault de 'chapéu' novo

No jogo de sexta-feira, quando defendeu o gol dos Penguins na derrota por 4-2 em Buffalo, Jocelyn Thibault usou sua nova máscara pela primeira vez em uma partida oficial. "Eu esperava que ela fosse me

trazer uma vitória", lamentou o goleiro, que parou 32 dos 35 chutes dos Sabres. Levou várias semanas de treino para que Thibault se sentisse confortável o bastante para usar a máscara em um jogo. "Mudar de 'chapéu' é uma grande coisa", conta. "Este tem um formato um pouco diferente do que eu usava antes. A grade tem uma cor diferente. A que eu tinha antes era branca; esta é preta. Mas eu me senti bem. Eu estava preparado para usar a máscara nova em um jogo." A máscara colorida tem um "T" em cima de um "BO" no queixo, que representam como os americanos pronunciam seu nome. Ela é coberta com pingüins cujos rostos lembram o Patolino. Na parte de trás estão as iniciais de sua filha e pequenas silhuetas de pingüins que representam sua família.



Dá para ver as silhuetas de pingüins na parte de trás da máscara de Thibault?

Alexandre Giesbrecht, 30 anos, esteve no Morumbi domingo, quando o São Paulo se sagrou campeão brasileiro pela quarta vez (foto abaixo).



## NHL

### Ajustando a sintonia fina

Mais de um ano depois de começar a nova realidade financeira da NHL, os times ainda estão se adaptando à vida debaixo de um teto salarial. Lou Lamoriello, GG dos Devils, por exemplo, tem estado sob constante pressão para manter o seu time de acordo com as regras. Gordos contratos dados a Alexander Mogilny e Vladimir Malakhov tornaram-se pesados demais, especialmente porque nenhum dos dois jogadores deu certo na terra dos pântanos (conforme vimos na [edição de 7 de outubro](#)). Novas manobras serão necessárias quando o defensor David Hale se recuperar de

um problema ocular e sair da lista da enfermaria. "Os times ainda estão aprendendo, ainda estão desenvolvendo suas estratégias", disse o comissário da NHL, Gary Bettman, na semana passada, durante um jogo dos Capitals em Washington. "Provavelmente vai levar uns dois ou três anos até que todos os times se sintam confortáveis com essa nova situação. Alguns, é claro, já tiveram sucesso, como o Carolina." Os Hurricanes fizeram a coisa funcionar na temporada passada, a primeira depois do locaute que durou um ano, e tornaram Raleigh, ao menos por algum tempo, uma cidade do hóquei quando patinaram com a Copa Stanley por lá. Foi o segundo título seguido de um time de cidade pequena – o Tampa Bay, rival na Divisão Sudeste, ficou com o título em 2004.